

SARA PENNYPACKER

· AUTORA PREMIADA ·

# PAX

O REGRESSO A CASA



 fábula

Ilustrações de Jon Klassen

**Nota da Autora:**

A comunicação entre as raposas é um sistema complexo de vocalizações, gestos, odores e expressões. Os diálogos em itálico nos capítulos do *Pax* são uma tentativa de traduzir esta linguagem rica e eloquente.





O Pax corria. Corria sempre — quase um ano depois de ter sido enjaulado, os seus músculos ainda recordavam a rede de metal.

Naquela manhã, no entanto, a corrida era diferente. Naquela manhã, o raposo corria porque sob o solo duro e atapetado da floresta, sob a crosta de neve que resistia nas sombras mais escuras dos pinheiros e sob as finas lâminas de gelo que engalanavam as poças, conseguira farejá-la: a primavera. Nova vida a despontar — a despontar da casca das árvores, dos rebentos e das tocas —, e só havia uma resposta possível: *correr*.

De repente, estacou. Coelho.

Ultimamente, a Bristle estava sempre com fome.

O Pax seguiu o odor e encontrou a toca. Fora abandonada apenas umas horas antes. Lá dentro, encontrou duas crias mortas: uma há vários dias, a outra há somente uma noite.

Era o terceiro sítio, noutros tantos dias, em que ele deparava com crias mortas. Primeiro, fora uma ninhada inteira, numa toca de ratos do campo. O Pax levava para casa a carcaça mais fresca, mas a Bristle torcera o focinho, enojada.

A seguir, fora um ninho de esquilos. Como a Bristle também recusara essa refeição de crias mortas, o Pax nem perdeu tempo com os filhotes de coelho. Ao invés, sentindo-se subitamente cansado, pôs-se a caminho da Quinta Abandonada, que ele, a Bristle e o Runt tinham ocupado depois de deixarem o lugar onde o Runt perdera a pata.

A Bristle não estava à vista, mas não andava longe. O Pax seguiu-lhe o rasto até um velho barracão. Sob os seus degraus, fora escavado um buraco, e havia terra fresca espalhada ao redor. O Pax entrou, sentindo o odor da sua companheira.

A Bristle estava enroscada no fundo da nova toca, com o pelo lustroso coberto de areia. Ao ouvi-lo, abriu um olho estremunhado e depois voltou a pousar o focinho nas patas.

O Pax ficou confuso. O ar da manhã já começara a aquecer e não ameaçava tempestade. Ainda mais desconcertante era o odor que pairava na toca, um odor que ele

nunca sentira antes, mas que conhecia tão bem quanto o seu próprio. Era o da Bristle, mas não era a Bristle.

Ele esfregou-lhe no pescoço o focinho, pedindo-lhe que farejasse o ar. *Novo?*

*Sim, novo. Nós.*

O Pax continuava sem perceber.

A Bristle virou-se de costas, alongando o seu ventre arredondado. *Crias. Em breve.* E voltou a enroscar-se na areia limpa.

O Pax ficou a vigiar de perto a respiração da companheira.

Mal ela adormeceu, recuou para fora da toca e soltou um único latido.

Depois largou a correr. Naquele momento, correu porque se não o fizesse, rebentaria.





O Peter agachou-se sobre a tábua de soalho teimosa e passou a mão pela crista que ondulava de uma ponta à outra. A Vola dissera que as tábuas estavam suficientemente lisas e que ele podia começar a afagá-las, mas o Peter queria-as perfeitas, não «suficientemente lisas», quando ela visse o chão terminado.

Ajustou a lâmina da plaina de modo que sobressaísse apenas o suficiente para desbastar lascas finas como papel. Podia fazer um único corte mais grosso, mas, camada a camada, conseguiria melhor resultado.

O Peter gostava de aplinar: talvez fosse a sua atividade favorita de entre as que aprendera durante a construção da cabana. A plaina era uma ferramenta que exigia força, ao contrário da chave de fendas, por exemplo.

Tinha de se usar todo o corpo. Era uma ferramenta de homem, não de miúdo.

Posicionou a plaina na extremidade da tábua, agarrou na pega com a mão direita e colocou sobre ela o seu peso. Depois começou a empurrá-la para a frente com a esquerda. Do centenário pinheiro amarelo, recuperado do celeiro de um vizinho, destacou-se um caracol perfeito, que libertou um aroma de madeira recém-cortada. O Peter gostava do modo como a madeira estava sempre pronta a recomeçar e de como...

De repente, a plaina encravou num nó. A mão que a empurrava saltou da pega, e o Peter esfolou a palma.

Endireitou-se, a praguejar. Quando é que ia aprender que os nós eram assim mesmo? Traiçoeiros, escondidos sob a superfície. Quando o sangue começou a jorrar e a escorrer pelo pulso, veio-lhe à mente a expressão: *sangue e suor*. Derramara litros de suor naquela cabana. Uma assinatura em sangue não seria despropositada. O Peter pressionou o corte contra a tábua e viu surgir uma pequena mancha vermelha que se alastrou, lembrando a cauda de uma raposa.

O Peter retirou a mão abruptamente, chocado com a intensidade da memória. No ano anterior, na viagem de regresso ao local onde fora forçado a abandonar o seu raposo de estimação, o Pax, tinha cortado de propósito a barriga da perna para fazer um juramento de sangue desenhando uma cauda de raposa na sua pele. «Hei de vir buscar-te», prometera.

Fez pressão na ferida, empurrando-a contra o peito. As memórias eram muito traiçoeiras. Sempre à espreita sob a superfície, prontas a emboscar-nos com um golpe no coração mal baixamos a guarda.

O Peter sabia como afastar aquela memória em particular. Inventara uma espécie de exercício mental que servia de penitência precisamente para esse efeito. Sempre que se distraía e pensava no Pax, obrigava-se a fazer o mesmo exercício. E era melhor não perder tempo.

O Peter fechou os olhos. Visualizou a tarde em que encontrara uma raposa morta na berma da estrada. Repassou todos os seus passos em pormenor: pegara no corpo rígido e enlameado do animal; carregara-o nos braços em busca de um lugar onde o enterrar; reparara numa zona arenosa junto a um muro de pedra e escavara uma cova rasa com a bota.

Embora tivesse o coração apertado, como acontecia sempre que chegava àquele ponto, forçou-se a recordar o momento em que encontrara a entrada da toca da raposa. Doía-lhe respirar, mas reviveu a cena: três crias mortas e uma, trémula, sobrevivente.

O Peter estendera a mão e pegara no filhote vivo: um macho, um pequeno raposinho. Aconchegara-o contra o seu peito e sentira-o preencher um vazio que ele não sabia que existia dentro de si. Mas agora este exercício mental obrigava-o a substituir essa cena por outra diferente: por aquilo que o pai achava que ele *devia* ter feito.

«Esse animal estava destinado a morrer com o resto da família. A atitude correta teria sido ajudá-lo a partir sem dor.»

Segurando a cria no colo, o Peter reagira com indignação:

«Tarde de mais!», gritara. «E eu vou ficar com ele!»

O pai irritara-se, mas na sua expressão o Peter descorrinara — talvez pela primeira vez — respeito.

Agora percebia que o pai tinha razão. Devia ter posto fim ao sofrimento do Pax e poupá-lo à dor que ele próprio causaria a ambos cinco anos mais tarde.

O Peter completou o seu exercício de penitência. Em vez de pegar no filhote, imaginou-se a erguer uma das pesadas pedras do muro adjacente e a bloquear a entrada da toca, afastando-se logo em seguida, sem olhar para trás.

«Vai-te embora. Não olhes para trás.»

Teria evitado toda aquela dor.

O Peter lembrou mentalmente a sequência mais duas vezes. Lera que eram necessárias três para reprogramar o cérebro.

Aquele exercício estava a resultar. Pensava cada vez menos no Pax. Se conseguisse evitar ver o guaxinim da Vola, podia passar dias sem sequer se lembrar de que tivera um animal de estimação.

Levantou-se e guardou a plaina. O corte tinha parado de sangrar, mas durante uns tempos não usaria a ferramenta. Era melhor não deixar nenhuma porta aberta à memória.

O Peter tirou um pedaço de lona de um alguidar. Jun-tara lá dentro musgo seco, cinzas do fogão a lenha e argila. Misturou um pouco de água, até obter uma pasta gros-seira. Depois colocou uma parte num balde e começou e preencher as frinchas entre os tronco da parede norte.

Enquanto trabalhava, concedeu-se um momento para admirar a cabana. Decidira construí-la em setembro, quando, ao chegar a casa depois do primeiro dia de aulas, espalhara os livros em cima da mesa da cozinha da Vola e percebera que a situação era insustentável. A cabana da Vola era perfeita para ela, mas demasiado pequena para dois. Tendo concordado que ele precisava de espaço e de alguma privacidade, a Vola ajudara-o a projetar um refú-gio para dormir e estudar. Eram apenas três por quatro metros: o suficiente para caber uma cama e uma cómo-da, uma secretária e uma cadeira. Aquela simplicidade agradava-lhe.

Ele mesmo abatera as árvores, serrara os troncos, um por um, do comprimento certo, e entalhara-os a todos. Cortara todos os barrotes e vigas, construíra o telhado e impermeabilizara-o. Na semana anterior, descobrira três janelas e uma porta num ferro-velho e comprara-os com o dinheiro que o avô lhe enviava todos os meses. No dia seguinte, depois das aulas, começaria a construir os cai-xilhos.

Os vizinhos tinham ajudado a içar os troncos e a colocá-los no lugar, mas, de resto, ele fizera tudo sozinho.

A Vola orientara-o, claro, mas quase não levantara um dedo. Era esse o acordo — ele queria construir algo inteiramente sozinho — e ela respeitara-o. O Peter apreciava isso na Vola.

Nesse instante, como se a tivesse chamado, viu-a descer o carreiro. Parecia desconfortável, puxando a saia para baixo como se ainda não estivesse acostumada a aperaltar-se nos dias em que trabalhava na biblioteca.

A Vola subiu o bloco de cimento que ele colocara para ela junto à porta — movia-se bastante bem com a perna artificial de madeira, mas os degraus altos custavam-lhe — e bateu num dos troncos como quem bate à porta. Outra coisa de que o Peter gostava na Vola era o facto de ela respeitar o seu espaço.

Estendeu um oleado para esconder o chão inacabado e fez-lhe sinal para que entrasse.

— Como é que correu hoje?

A Vola sorriu.

— Aquela miúda dos Williams vai pôr-me louca. Mas tem jeito para os fantoches. A Bea mandou-te cumprimentos. Encomendou aquele livro sobre árvores que tu querias. Pensei que já tivesses lido todos os livros sobre árvores alguma vez escritos. Ah, e quase me esquecia. Alguém pôs um anúncio no quadro dos avisos. Cachorros. Havia um arraçado de *labrador* e outro de *cocker* no grupo. Estava a pensar...

O Peter quase susteve a respiração. Virou as costas.

— Não. — Pronto, já tinha outra vez o Pax na cabeça. — Tenho de voltar ao trabalho — disse, pegando na espátula.

— Estava só a pensar que seria uma boa companhia, quando começasses a passar um tempo aqui...

— Não!

A brusquidão da sua voz surpreendeu-o.

A Vola recuou.

— Está bem. É demasiado cedo. Compreendo.

O Peter duvidava que a Vola compreendesse, uma vez que ele próprio não compreendia. Sabia apenas que lhe custava a respirar só de pensar em voltar a ter um animal de estimação.

A Vola abriu um sorriso conciliador.

O Peter assentiu e espalhou uma pazada de argamassa na parede. Queria muito que a Vola se fosse embora. Tinha de fazer o seu exercício de penitência quanto antes, para impedir a memória de criar raízes. Alisou a argamassa ao longo da fresta.

O sorriso da Vola esmoreceu.

— Já te disse ontem que não podes bloquear isso *totalmente*.

O Peter mordeu a bochecha e espalhou outra camada espessa de argamassa.

— É para não deixar entrar o frio.

— Mas assim também não deixas entrar o ar nem a luz.

O Peter encheu até ao fundo a fresta entre os troncos com argamassa.

— Sem luz e sem ar, morre-se, meu rapaz — disse a Vola, quase num sussurro.

— Eu sei — respondeu o Peter, sem levantar a cabeça.  
— Mas também se morre de frio.



O Pax andava de um lado para o outro. Embora a semana anterior tivesse sido quente, no ar da meia-noite cintilava agora a geada. O raposo sentia o apelo da lua cheia, mas o chamamento da sua companheira era ainda mais forte.

A Bristle entrara na toca sob o barracão ao entardecer, com a barriga a balouçar. O Pax ouvira-a a andar em círculos, tentando acomodar-se, depois a esgaravatar o chão e a andar novamente em círculos. Uma das vezes em que a ouvira arfar de esforço, o Pax metera o focinho na toca, mas ela rosnara-lhe. *Não entres. Mas fica perto.*

Desde então, o Pax estivera a patrulhar o terreno ao redor do barracão e o amplo redondel de prado em frente, verdejante de tantos rebentos novos. Tinham-se passado

horas sem que detetasse intrusos, mas ouvia agora a aproximação de passos familiares.

O irmão da Bristle ficara com um andar estranho desde que perdera uma das patas traseiras na primavera anterior. Mas tornara-se um caçador hábil, com uma visão e uma audição que pareciam mais apuradas para compensar a perda da velocidade. O Pax viu-o emergir do mato com uma perna gorda nas mandíbulas e largá-la à entrada da toca.

As orelhas do Runt empertigaram-se na direção do roçar vindo lá de dentro.

Antes que o Pax conseguisse avisá-lo, foi espreitar. O Pax ouviu um silvo e, passados uns segundos, o Runt saiu da toca às arreas e a ganir. Depois escapuliu-se e deitou-se perto de um carvalho, a uma distância segura.

O Pax seguiu-o e deitou-se ao lado dele. O Runt enrolou a cauda sobre o focinho e fechou os olhos, mas o Pax permaneceu alerta, com o olhar fixo na toca. Ainda que não tencionasse lá entrar até que a Bristle o convidasse — conhecia bem os seus dentes afiados —, naquela noite sentia necessidade de a proteger.

Quando o céu começou a clarear, foi assaltado pelo cheiro de sangue.

Correu para a toca.

Ao ar frio do amanhecer misturou-se um calor húmido vindo do interior. O sangue que carregava não era de um ferimento ou de morte. Era sangue de vida nova. E exigia a sua presença.

O Pax entrou disparado.

A Bristle estava a lambeer três pequenos corpos que se contorciam. Os filhotes eram escuros e lustrosos. Quando os seus olhos se habituaram à penumbra, o Pax viu pernas minúsculas esticando-se no amontoado. Minúsculas patas cor-de-rosa que se enrolavam, minúsculos focinhos cor-de-rosa que se franziam e minúsculas orelhas cor-de-rosa que se agitavam cheias de nova vida.

A Bristle ronronou. *Nossos. A salvo.*

O Pax deixou-se cair ao chão e enroscou-se em torno da sua família. Três coraçõezinhos batiam junto do seu. *Nossos. A salvo.*



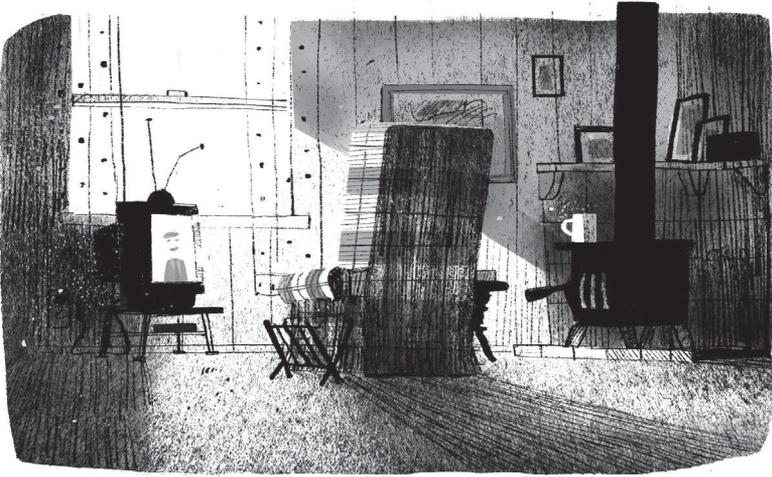
— Já decidi.  
— O avô do Peter desviou o olhar da televisão,  
com um resmungo irritado.

— Decidiste o quê?

— As cinzas. Vou levá-las.

O olhar do velhote viajou até à caixa de cartão, na prateleira acima do fogão a lenha.

Estava pousada ao lado de quatro molduras que o Peter se lembrava de ali ver desde sempre. Na primeira, havia uma fotografia do avô aos 18 anos, todo empertigado na sua farda militar, à porta de casa, com os bisavós que o Peter nunca conhecera. A segunda era do casamento do avô com a avó, que o Peter mal recordava.



Na terceira, um casal sorria, enternecido, para um bebé que viria a ser o pai do Peter. E a última era uma fotografia do próprio Peter: um menino de fato, com orelhas de abano, entre a mãe e o pai, e o avô ao lado. Sempre sentira que aquelas quatro fotografias o desafiavam a acreditar na improvável história que contavam: que da vida do avô fazia parte uma família. O velhote semicerrou os olhos e o Peter percebeu que o avô estava a ponderar se tinha direito às cinzas. Afinal, a quem pertenciam os restos de um homem? Ao seu pai ou ao seu filho? O Peter endireitou-se, fazendo-se mais alto.

O velhote virou a poltrona surrada e cruzou as botas. Tirou o volume da televisão, deixando o apresentador do concurso a gesticular que nem um louco no ecrã.

— Que planeias fazer-lhes?

— O lugar delas é ao pé da minha mãe. Na campá dela.

O Peter olhou o avô nos olhos, algo que geralmente evitava, porque nunca se sentia à altura quando se via refletido neles.

Mas manteve-se firme. Devia-o à sua mãe. Ultimamente, andava a sentir-se estranhamente culpado, como se a mãe esperasse alguma coisa dele e ele estivesse a falhar. Levar-lhe as cinzas, só podia ser isso.

O avô mexeu a boca, como se ensaiasse um argumento. Depois olhou para o braço da poltrona e arrancou uma crosta de comida seca com a unha do polegar. O Peter percebeu então que levava a melhor.

— É justo — disse o avô. — Quando é que lá vais?

— Quando as aulas terminarem, acho eu. Este ano deve ser mais cedo, por causa dos Jovens Soldados...

— Já sei. Os Jovens Soldados da Água. É uma anedota! Um bando de alminhas caridosas a brincar aos militares.

O Peter não partilhava da mesma opinião. Concordava com a Vola, era exatamente a coisa certa a fazer: re-direcionar o treino, o equipamento e a força de trabalho do exército para reparar os danos causados pela guerra. E a criação dos Jovens Soldados da Água também lhe parecia uma ótima ideia: recrutar jovens para ajudarem a limpar a água. Mas engoliu as palavras: aquelas cinzas eram demasiado importantes.

O avô levantou-se com um gemido e dirigiu-se à prateleira. Mas, em vez de pegar na caixa de cartão, tirou de debaixo dela um envelope pardo.

— Chegou isto. Levaram uma eternidade.

Do outro lado da sala, o Peter reconheceu a insígnia do exército.

— Ah. Já determinaram... — engoliu em seco — as circunstâncias da...

— Já. Queres saber?

O Peter estava prestes a anuir, mas a expressão do velhote petrificou-o. Que o pai não morrera um herói, em combate, era óbvio; já tinham chegado a essa conclusão; caso contrário, porquê todo aquele mistério durante seis longos meses? Sabiam que fora atingido por um morteiro inimigo, a mais de 150 quilómetros da base, mas ninguém lhes explicara mais nada. O facto de não terem uma resposta definitiva tornava, de alguma forma, a tragédia menos real, e para o Peter estava muito bem assim.

— Não. Não quero saber.

— Talvez queiras. Talvez te fizesse bem ler isto. Porque o teu pai morreu de idiotice. — O avô atravessou a sala e agitou o envelope em frente aos olhos do Peter, como se o ameaçasse. — Lê o que diz e aprende a lição.

O Peter afastou envelope.

— Ele morreu na guerra. E pronto.

Já o dissera a toda a gente na escola. Começava a habituar-se a dizê-lo. Morria muita gente na guerra. Não eram necessários pormenores.

— Como queiras. Não leias, então. Mas presta atenção: não dês muita confiança às pessoas.

— Sim, senhor. Não se preocupe.

— Não sejas frouxo. Percebes?

— Sim, senhor. Percebi. — O Peter foi até à prateleira e pegou na caixa. Era mais pesada do que esperava, mas, ainda assim, pareceu-lhe demasiado leve para conter tudo o que restava de um homem grande. O Peter enfiou-a debaixo do braço e apertou-a com força. — É melhor voltar para a casa da Vola — disse, encaminhando-se para a porta. — Está a ficar escuro.

— Espera.

O Peter estacou com a mão na maçaneta da porta. Talvez o avô fosse oferecer-se para ir com ele espalhar as cinzas. Isso seria bom. Desde que escolhera viver com a Vola, parecia que o avô ficava enojado sempre que olhava para ele. Talvez uma viagem como aquela ajudasse a apaziguar as coisas entre eles, talvez pudessem conhecer-se melhor. Se o avô quisesse acompanhá-lo, o Peter aceitaria de bom grado.

Mas não era isso. O avô aproximou-se e enfiou-lhe qualquer coisa na mochila.

— Leva isto também.

Mesmo sem olhar, o Peter sabia que era o envelope. Deitá-lo-ia fora mais tarde. Girou a maçaneta, mas o avô ainda não terminara.

— As pessoas são traiçoeiras. Mantém os olhos bem abertos.

— Sim, senhor — disse o Peter, enquanto abria a porta ao frio cortante. — Vou mantê-los bem abertos.



**Livros que te surpreendem pela história,  
que te atraem pela imagem,  
que te conquistam pela mensagem,  
que se distinguem como estrelas brilhantes.**

## **LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO**



Passou um ano desde que o Peter e o seu raposo de estimação se viram pela última vez. Na altura inseparáveis, levam agora vidas muito diferentes.

O Pax e a sua companheira, a Bristle, tiveram uma ninhada que precisam de proteger dos perigos do mundo. Enquanto isso, o Peter – agora órfão e entristecido pela culpa e pela solidão – deixa a casa da amiga Vola, onde escolhera viver, para se juntar aos Soldados da Água, um grupo de voluntários determinados a curar a natureza dos males infligidos pela guerra.

Quando uma das crias do Pax fica gravemente doente, o raposo volta-se para o único humano em quem sabe que pode confiar. E, por mais que o Peter tente resistir ao apelo do Pax, ele acaba por ceder. O rapaz e o raposo iniciam uma viagem rumo a casa, a si próprios e um ao outro.

**A sequência de *Pax* é não só a espantosa história da amizade entre um menino e uma raposa, mas também um livro sobre a superação da perda e do arrependimento, a celebração das famílias de coração e do poder curativo do amor.**

Lê o livro anterior:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinlivros

12+

ISBN 9789896235871



9 789896 235871 >